

DOMINAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS: UMA ANÁLISE DE ‘O CONTO DA AIA’ A PARTIR DE REFERENCIAIS DA PSICOLOGIA SOCIAL¹

Ana Lara Santana Barbosa*

Eloisa Aparecida de Castro**

RESUMO

Nas últimas décadas, tentativas de controle sobre os corpos femininos tem sido objeto de crescente interesse acadêmico. No contexto da obra “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood (2017), se torna evidente a maneira como estruturas de poder e patriarcado restringem a liberdade feminina, explorando o corpo e a reprodução como ferramentas de dominação. Este trabalho objetiva analisar essas dinâmicas de controle a partir dos referenciais teóricos da Psicologia Social, se fundamentando, principalmente, nas obras de Silvia Lane e Pedrinho Guareschi, cujas contribuições são fundamentais para contextualizar as relações de poder e a construção social dos papéis. Propõe-se uma revisão de literatura narrativa que busca desconstruir a naturalização da submissão feminina e tencionar a objetificação dos corpos das mulheres. Inicialmente, foram abordados o patriarcado e suas dinâmicas de dominação. Em seguida, explorou-se conceitos da Psicologia Social sobre poder e identidade, os conceitos de papel social e representação social, com base em Lane e Guareschi, de modo a explicitar como as ideologias de dominação moldam as relações de gênero. Por fim, esses conceitos foram utilizados a fim de analisar “O Conto da Aia”. Dessa forma, a pesquisa visa a contribuir para a compreensão das práticas de opressão presentes na cultura e fomentar discussões sobre as resistências possíveis, promovendo uma crítica sobre as relações de desigualdade e os caminhos de transformação social em defesa dos direitos e da autonomia das mulheres.

Palavras-chave: Psicologia Social, Literatura, O Conto da Aia, Dominação, Poder.

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, a luta pela igualdade de gênero transcende os limites jurídicos, permeando profundamente o cotidiano das mulheres em diversas

¹ Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

*Bacharelanda em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). E-mail: analarabarbosa152@gmail.com

** Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, Psicóloga, Mestre em Psicologia, Docente no curso de Psicologia do Unipac Barbacena.

esferas sociais e culturais. O presente trabalho se insere nesse contexto ao investigar tentativas de dominação dos corpos femininos, estabelecendo como premissa as principais formas de controle sobre estes corpos e na análise dos fenômenos de dominação à luz da Psicologia Social, abordando temáticas pertinentes à dominação, ao poder, à ideologia, à subjetividade e às desigualdades de gênero.

O horizonte da pesquisa realizada está alicerçado na busca por compreender as principais formas de controle sobre os corpos femininos e explorar como esses fenômenos podem ser interpretados e estudados através das perspectivas da Psicologia Social. Este estudo se justifica pela necessidade de examinar criticamente as dinâmicas de poder que moldam as experiências das mulheres, influenciando suas identidades e relações sociais. Os debates contemporâneos acerca das conquistas e das lutas feministas, iniciadas durante o século XVIII com demandas por educação e direitos civis, evoluindo ao longo do século XX para incluir igualdade social e econômica e seguem hoje trazendo para a discussão questões como interseccionalidade e diversidade, têm fomentado estudos relativos a estas temáticas, buscando compreender, de maneira mais sistematizada, as relações de desigualdade, de opressão e de poder.

A escolha pelo tema foi motivada pelo interesse nos estudos feministas, na saúde mental e nas complexas interseções sociais que impactam as mulheres. A obra “O Conto da Aia” foi escolhida tendo em vista sua capacidade de demonstrar aspectos importantes aos quais a teoria se refere, tendo conhecimento de que a literatura tem a possibilidade de tratar temas complexos da sociedade de forma, muitas vezes, figurada. A obra "O Conto da Aia", apresenta uma realidade distópica², exemplificando como a cultura pode ser utilizada como ferramenta de dominação, especialmente sobre os corpos das mulheres. A Psicologia Social oferece um arcabouço teórico robusto para investigar sistematicamente esses fenômenos, proporcionando uma percepção crítica sobre as formas históricas e contemporâneas de subjugação feminina.

² Distopia é um gênero literário que se propõe a explicitar uma sociedade futura em contextos totalitários, podendo ser vinculado à ficção científica, oferecendo oportunidades para discussões críticas tanto na esfera literária quanto na sociopolítica (Lacerda, 2019).

Os objetivos deste estudo são os de investigar como uma busca pela dominação dos corpos femininos se manifesta através das teorias da Psicologia Social, analisando as formas de controle social e de poder nas vivências femininas contemporâneas. Para alcançar esse propósito, foram explorados três objetivos específicos, o primeiro é o de relacionar as influências do patriarcado e do controle social sobre os corpos femininos. O segundo objetivo visa identificar como as relações de poder e dominação afetam as subjetividades femininas, impactando suas experiências individuais e coletivas, através da Psicologia Social. E o terceiro objetivo se propõe a analisar a obra literária "O Conto da Aia" de Margaret Atwood, conectando suas narrativas às teorias estudadas para exemplificar como as formas de dominação podem ser compreendidas na literatura.

A fim de percorrer os objetivos propostos foram estabelecidos três eixos norteadores. O primeiro eixo discorre sobre relações de dominação e o patriarcado. O segundo subtítulo propõe uma discussão acerca da Psicologia Social e de temas como poder, dominação e identidade. E o terceiro tópico estabelece uma análise da obra "O Conto da Aia" e as relações de dominação no contexto social da distopia.

Este trabalho pode contribuir para o entendimento acadêmico das dinâmicas de poder que moldam as experiências das mulheres, além de buscar fomentar o debate sobre as formas de resistência e de transformação dentro de um contexto cultural e social em constante mudança. Conforme a Resolução nº 010/2005³, a Psicologia tem um compromisso ético e político de promover a igualdade, defender os Direitos Humanos, promover saúde e qualidade de vida e contribuir para o desenvolvimento científico desta área de conhecimento. Portanto, o presente trabalho visa a contribuir com o saber/fazer da Psicologia, através de uma análise das dimensões de tentativas de dominação dos corpos femininos através da Psicologia Social e utilizando uma obra literária para elucidar os fenômenos estudados.

1. PATRIARCADO, PSICOLOGIA SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO EM 'O CONTO DA AIA'

³ A Resolução nº 010/2005 do Conselho Federal de Psicologia aborda o Código de Ética Profissional do Psicólogo.

O presente artigo apresenta referenciais e reflexões com o intuito de compreender a dominação a partir de suas manifestações históricas, teóricas e práticas, realizando um recorte metodológico dos estudos relacionados às dimensões das ações que visam uma dominação feminina. Ao refletir sobre os mecanismos subjacentes à dominação, busca-se não apenas elucidar suas formas visíveis, mas também questionar suas justificativas ideológicas e seus impactos nas dinâmicas de inclusão e exclusão social.

A hipótese do estudo sugere que “O Conto da Aia” expõe aspectos das relações patriarcais que reverberam no contexto contemporâneo, permitindo uma análise crítica das dinâmicas de poder e opressão. A pesquisa realizada configura uma revisão de literatura narrativa, com finalidade analítica, e contribui para a ciência ao proporcionar uma leitura interdisciplinar entre Literatura e Psicologia Social, oferecendo ferramentas teóricas para a compreensão dos fenômenos de dominação e poder. Este estudo se justifica pelo compromisso ético da Psicologia em promover uma sociedade mais equitativa, reforçando a importância de um debate crítico sobre gênero e poder.

1.1 A DOMINAÇÃO E O PATRIARCADO

De acordo com Barreto (2014), citando Max Weber, a dominação é um fenômeno existente nas relações na sociedade, permeando a convivência e a história, sendo “em seu sentido mais geral, antes de reportá-la a um conteúdo concreto, é um dos elementos mais importantes da ação comum” (Barreto, 2014, p.3). Estas relações de dominação são diferentes das relações de poder, visto a legitimidade necessária à dominação, ou seja, há, em certo nível, uma aceitação da dominação, uma legitimação dela.

Guareschi (2013, p.64), estabelece a diferenciação destes dois fenômenos

“Poder” é uma capacidade, uma qualidade individual de pessoas, algo singular, particular. Nesse sentido, todos os que “podem” fazer algo (trabalhar, falar, escrever etc.) têm um “poder”. Já “dominação” é uma “relação”, isto é, sempre se dá entre dois ou mais sujeitos, e acontece quando há uma expropriação de poder, isto é, quando um retira, de maneira assimétrica ou injusta, um poder de outro parceiro.

Realizando assim, um paralelo entre os fenômenos, definindo como dominação a expropriação do poder do outro. Sendo assim, para Guareschi e

Guerra (2020, p.64) dominação é “uma relação assimétrica que implica diferenças tanto em nível de igualdade como de justiça”, exercendo poder e controle sobre indivíduos ou grupos, sendo possível moldar relações de hierarquia e de subordinação. Neste sentido, os estudos relativos à dominação são fundamentais para uma análise crítica das dinâmicas sociais e das estruturas de poder, compreendendo mais detidamente a relação entre dominação e poder.

De acordo com Morin (1973, p. 15)

As relações de dominação/submissão regulam as relações hierárquicas entre as “classes” e também entre os indivíduos. O princípio da dominação é complexo; não é a potência sexual, como se julgou durante muito tempo, nem a pura força física, nem a inteligência, que, por si sós, incitam ao poder e o obtêm. Uma vez que o domínio social oferece plenos poderes, sexuais e “políticos”, e permite a livre expansão pessoal, pode supor-se que o que incita ao poder é uma mescla obscura e variável, muito difícil de analisar, como sucede com os humanos.

O referido autor argumenta, portanto, a complexidade acerca do fenômeno da dominação, sendo esse multifacetado, com caráter de hierarquização e demarca a tentativa de um indivíduo em possuir o controle sobre outro a partir da atitude dominadora. Argumento este que está em consonância com o pensamento exposto anteriormente por Guareschi (2013), no qual explicita a dominação como uma expropriação do poder de outro indivíduo. Através desta relação de poder, podemos também refletir sobre ações voltadas para uma busca da dominação dos corpos e subjetividades femininas, que ocorre ainda nos tempos de hoje, apesar das conquistas e lutas feministas. Um fenômeno de dominação advindo da sociedade masculina, em busca de uma tentativa de manter o controle e o poder sobre as mulheres, sendo transmitido culturalmente.

Em sua obra “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação”, Zanello (2018) demonstra a diferenciação dos papéis femininos e masculinos, impostas desde o nascimento, se inserindo em brincadeiras e no cotidiano. As meninas são educadas, desde o momento em que nascem, para o cuidado e o amor, ao passo que os meninos são educados para papéis sexuais e laborais. Estas ações se fazem presentes no interior das famílias como uma maneira natural de criação, sem a crítica das consequências de reprodução da estrutura patriarcal e de hegemonia masculina. Ainda de acordo com Morin (1973, p.15)

Já se chegou a dizer que o exercício do poder oscila entre dois pólos, o da agressividade e o do exibicionismo. No primeiro sentido, o chefe mantém a

autoridade pela intimidação, pela mímica da ameaça (threat behavior); no segundo sentido, pela repetição histriônica da sua presença e da sua importância.

A partir deste apontamento, é possível identificar, na exemplificação do autor, o caráter que a dominação assume, sendo, uma ação de poder repetitiva e violenta, que vai alterando e modelando a realidade dos indivíduos que são vitimados por este fenômeno. Portanto, vale ressaltar que, ainda que se reconheçam os avanços das lutas feministas por direitos civis e políticos, igualdade no trabalho e educação, combate à violência, inclusão e interseccionalidade, as relações de dominação estão permeadas nos mais diversos ambientes da sociedade.

Para Sento-Sé (2024, p.3),

Há duas questões centrais para as teóricas feministas que trabalham com o conceito de patriarcado: a persistência e a onipresença da dominação masculina nas relações políticas e sociais, possibilitando a construção da ideia de sistema e estrutura patriarcais nas sociedades contemporâneas.

A autora explicita, desta forma, as propriedades de persistência e de onipresença da dominação, fatos que são cruciais para dar continuidade aos atos sutis que permeiam e endossam este fenômeno. Sendo assim, as relações de poder permeadas na dominação, são reforçadas por esta presença potente do patriarcado na sociedade e nas relações humanas.

De acordo com Bobbio et al (1992, p.1186), o poder pode ser classificado em três grandes formas: econômico, ideológico e político. O poder econômico se baseia na posse de bens escassos, permitindo que quem os possui influencie o comportamento de quem não os tem, especialmente no trabalho. O poder ideológico envolve a influência de ideias sobre os indivíduos, sendo exercido por figuras de autoridade como sacerdotes ou intelectuais, essenciais para a coesão social. O poder político, por sua vez, é sustentado pela posse de instrumentos de força física, como armas, e exerce controle coativo. Juntas, essas formas de poder estruturam uma sociedade desigual, dividida entre ricos e pobres, sábios e ignorantes, fortes e fracos.

Desta forma, Morin (1973), localiza duas consequências acerca da dominação, a desigualdade social, que representa uma desigualdade de liberdades e de movimentações na vida, e a mobilidade social, que representa os fatores que serão determinantes à ascensão e decadência social, dando ênfase à privação de

liberdades, de escolhas, de desejos, de prazeres e de vivências. E nesta linha de raciocínio, é possível refletir, também, sobre os atos de tentativa de dominação dos corpos femininos, tendo em vista ser um fenômeno enraizado em estruturas de poder que remontam ao surgimento do patriarcado.

Strey (2013, p.214) define patriarcado como sendo

uma forma de hierarquia, em que os homens detêm o poder e as mulheres são subordinadas. Numa sociedade patriarcal, a autoridade social efetiva sobre as mulheres é exercida através dos papéis de pai e de marido. Sob as condições patriarcais, as mulheres às vezes exercem autoridade através do papel de mãe em oposição aos outros papéis familiares, tais como esposa, filha, irmã, ou tia.

Portanto, de acordo com Strey (2013), a perpetuação destas estruturas se sustenta através de uma ideia de superioridade/inferioridade natural de cada sexo, com plano de fundo religioso, sendo assim reproduzido culturalmente um reforço aos papéis ditos femininos e masculinos dentro da sociedade. A autora destaca a importância de tratar o fenômeno da desigualdade de sexo como sendo explicada histórica e culturalmente, bem como diversos outros temas da sociedade.

Com as contribuições capitalistas, o patriarcado se consolidou como um sistema de controle social que, ao longo dos séculos, definiu e regulou os papéis sociais das mulheres, moldando suas identidades e vivências de acordo com normas que favoreciam a hegemonia masculina. Como demonstra Narvaz (2005, p.30)

Essa noção de expropriação e de dominação articula o conceito de capitalismo ao de patriarcado e à produção das subjetividades, dos papéis sociais e das configurações familiares. As relações de produção não produzem apenas coisas, meios para a subsistência, mas produzem também as pessoas.

Essa estrutura impôs às mulheres a submissão não apenas física, mas também simbólica, restringindo suas liberdades e controlando suas existências por meio de padrões sociais, culturais e religiosos. Sendo assim, as subjetividades femininas foram sendo construídas e reguladas por estes dois fatores impostos sobre os corpos das mulheres, o patriarcado e o capitalismo.

Bem como argumenta Strey (2013, p.225)

Com a transposição das relações de parentesco para a esfera doméstica, o poder político das mulheres dentro da elite declina e com o tempo as mulheres em geral são vistas abstratamente de uma maneira que as relaciona com a reprodução biológica, afastada da cultura e basicamente ligada à natureza.

A perpetuação dessas estruturas é sustentada por instituições sociais e culturais que reforçam padrões de feminilidade e domesticidade, muitas vezes vinculando a identidade feminina a seu valor sexual e reprodutivo. O corpo da mulher se torna um território de tentativas de dominação, seja por meio de restrições físicas impostas pela moralidade ou pela objetificação que mercantiliza a imagem da mulher. Essas práticas contribuem para a exclusão das mulheres de espaços de poder e decisão, confinando-as a papéis secundários e subalternos na sociedade.

Pateman (1993), em seu livro "O Contrato Sexual", apresenta o patriarcado como uma estrutura social e política de dominação masculina, enraizada na divisão sexual do poder. A autora argumenta que o patriarcado moderno não é simplesmente uma continuação dos antigos sistemas de autoridade masculina, mas é reformulado e mantido através de um "contrato sexual" implícito, que legitima a subordinação das mulheres aos homens.

De acordo com Saffioti (2015, p.56), a ideia defendida por Patman

Integra a ideologia de gênero, especificamente patriarcal, a ideia, defendida por muitos, de que o contrato social é distinto do contrato sexual, restringindo-se este último à esfera privada. Segundo este raciocínio, o patriarcado não diz respeito ao mundo público ou, pelo menos, não tem para ele nenhuma relevância. Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado.

A argumentação apresentada por Saffioti (2015) aponta como a ideologia⁴ patriarcal separa o contrato social do contrato sexual, confinando as questões de gênero ao espaço privado e invisibilizando o patriarcado no mundo público. No entanto, essa estrutura de poder permeia toda a sociedade, incluindo o Estado, legitimando as ações que objetivam a dominação dos corpos femininos. Isso ocorre por meio de normas que controlam e subordinam as mulheres, especialmente em torno da sexualidade e da reprodução, demonstrando uma regulação da vida feminina tanto no âmbito pessoal quanto no institucional (Pateman, 1993).

Pateman (1993) sugere que o contrato social é, ao mesmo tempo, um contrato sexual, no qual as mulheres, ao entrarem na sociedade civil, são relegadas ao espaço privado e subordinadas aos homens. Assim, o contrato sexual garante a

⁴ Conforme Thompson (2011, p.16), ideologia pode ser entendida como o "sentido a serviço do poder", se referindo aos modos pelos quais os significados sustentam e legitimam relações assimétricas de poder.

supremacia masculina tanto na vida pública quanto vida na privada, estabelecendo o patriarcado como a estrutura dominante.

A autora sugere, ainda, que o patriarcado está implícito nas instituições modernas, como o casamento, o trabalho e a cidadania. Essas instituições operam sob o contrato sexual, reforçando a ideia de que os homens têm direito ao controle sobre os corpos, o trabalho e a sexualidade das mulheres. Nesse sentido, Pateman (1993) ressalta que o contrato sexual não se refere apenas ao controle físico ou econômico, mas também ao controle simbólico, no qual as mulheres são relegadas a uma posição de "outra" na hierarquia de poder. Dessa forma, é estabelecida uma recontextualização do patriarcado como uma construção moderna que, através do contrato sexual, naturaliza a dominação masculina, mesmo em sociedades que se consideram fundadas na liberdade e na igualdade.

A importância de se estudar o poder, a dominação e o patriarcado neste trabalho é central, pois permite uma análise crítica das estruturas que sustentam as desigualdades encontradas entre os sexos ainda nos dias atuais. Compreender como o patriarcado se manifesta nas relações sociais, estabelecendo normas e expectativas que regulam o corpo e a sexualidade das mulheres, ajuda a identificar as formas de controle que perpetuam o domínio sobre elas. Uma forma de acrescentar à construção do presente trabalho na reflexão acerca desta tentativa de dominação feminina e dos assuntos que a permeiam, é através de uma proposta de análise destas questões supracitadas a partir da Psicologia Social.

1.2 PSICOLOGIA SOCIAL E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES⁵ FEMININAS

A Psicologia Social é uma área da Psicologia que estuda as interações humanas entre si e com seu ambiente e como essas relações moldam comportamentos, crenças e identidades (Lane, 2007). Este campo se caracteriza por uma abordagem que busca ir além dos elementos da psicologia individual, refletindo sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas. Analisar a busca pela dominação dos corpos femininos através da ótica da Psicologia Social pode proporcionar uma

⁵ Subjetividade aqui citada, conforme Silva (1998), como a construção e subjetivação de identidade a partir das relações sociais, podendo ser considerada como um produto cultural.

análise sobre como se dão as relações de controle e as reações sociais à ele, compreendendo a maneira como as mulheres são levadas a internalizar normas e expectativas sobre seus próprios corpos, o que impacta diretamente suas subjetividades e experiências de vida.

Autores como Lane e Guareschi se destacam como fundamentais para entender como a Psicologia Social se desenvolveu e se diversificou, especialmente no contexto latino-americano e em contraposição a uma visão mais tradicional da psicologia. Sendo possível, a partir do desenvolvimento do campo da Psicologia Social, realizar uma discussão acerca das temáticas abordadas nesta área de conhecimento, buscando um embasamento teórico para os fenômenos acerca da dominação dos corpos femininos.

Uma autora de grande destaque foi Silvia Lane, sendo uma das principais expoentes da Psicologia Social na América Latina que criticava as atuações da psicologia que desconsideravam o contexto histórico e social das pessoas. Para Lane (2007), era essencial entender o comportamento humano em sua totalidade, e isso só poderia ser feito através de uma análise que considerasse as condições materiais de vida, as estruturas de poder e as relações sociais em que os indivíduos estão inseridos. Silvia Lane, ao longo de sua obra, estudou e desenvolveu a área de psicologia grupal, compreendendo a importância de enxergar os contextos sociais dos indivíduos para uma análise pormenorizada das formas de dominação existentes nos grupos menores, como explicita Martins (2007, p.4)

Nas primeiras experiências de análise do processo grupal Lane identifica contradições entre o discurso e a prática social dos indivíduos em grupo, principalmente no que diz respeito às relações de dominação, reproduzindo no âmbito do pequeno grupo, as relações de poder presentes na sociedade.

Explicitando, então, que a dominação é reproduzida culturalmente, nos contextos de cada indivíduo, por meio das relações de poder. Através, portanto, deste entendimento, de acordo com Sawaia (2007), Silvia Lane (1993) oferece uma perspectiva crítica essencial para que seja feita uma construção sobre como as ações que buscam a dominação dos corpos e subjetividades femininas está diretamente relacionada à uma reprodução social dos valores patriarcais e de controle. Em sua jornada de pesquisa, Sawaia (2007), afirma que Lane (1993) se aproxima de uma teoria sobre as representações sociais. Conforme Lane (1993, p.

59), “a Representação Social, ou seja, a verbalização das concepções que o indivíduo tem do mundo que o cerca ... caracteriza-se como um comportamento observável e registrável e como um produto, simultaneamente, individual e social, estabelecendo um forte elo conceitual entre a psicologia social e a sociologia”.

Desta forma, portanto, a Psicologia Social, compreendida pelo olhar de Silvia Lane, mesmo não sendo diretamente ligada aos papéis de gênero, auxilia nos estudos dessas questões, sendo possível, através de suas reflexões, analisar o fenômeno de tentativa de dominação feminina através de concepções socialmente construídas dos papéis sociais femininos e masculinos. Construindo, a partir da reprodução cultural destes papéis, a replicação do controle e do poder.

Conforme proposto por Lane (1993), é necessário compreender os seres humanos a partir de um todo: como sendo um indivíduo, habitante de um determinado ambiente, pertencente a um determinado círculo social, incluído em determinada cultura, que vai abarcar determinados costumes, rituais e práticas. Todas estas interações farão com que os indivíduos percebam a si e ao mundo de determinada forma, assim como determinará seu posicionamento diante das experiências que vivencia. Também determinará a forma como lida com aquilo que existe, mas de forma velada, como as relações de poder encontradas na sociedade.

O controle dos corpos femininos configura uma das formas mais poderosas de opressão, uma vez que molda não apenas o comportamento visível, mas também a forma como os indivíduos se percebem e se posicionam no mundo. A submissão aos padrões de beleza, as restrições sobre a sexualidade feminina e o controle reprodutivo são formas de dominação que impactam a identidade e o desenvolvimento psicológico das mulheres. Sendo esta temática analisada no presente estudo, através dos referenciais identificados na obra de Silvia Lane, pode-se pensar na importância de compreender os fatores que vão permear a reprodução de práticas de dominação. Um destes fatores é o erro de não considerar todos os aspectos envolvidos neste processo, tal qual expresso por (Lane, 1984, p. 12)

A desconsideração da psicologia pelo ser humano como produto histórico-social é que a torna, se não inócua, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade, levando-a a descrever comportamentos e, baseada em frequência, tirar conclusões sobre relação

causal, reduzindo-se à descrição pura e simples de comportamentos, ocorrendo em situação dadas.

Lane (2007) introduz, então, uma perspectiva crítica da Psicologia Social que defende uma prática de compromisso social e político do psicólogo, na busca pelo combate a ações que reproduzem opressões e invisibilizam a luta por igualdade de direitos das classes populares e dos grupos marginalizados, incluindo as mulheres. Lane (2007) sustenta uma abordagem crítica da psicologia que tem a capacidade de denunciar como a busca pela dominação dos corpos femininos sustenta uma estrutura de poder patriarcal, que faz com que as mulheres internalizem um ideal de corpo e comportamento que, muitas vezes, não é seu, mas sim um reflexo das expectativas impostas pela sociedade.

Um conceito importante abordado por Lane (2007), exprime sobre papéis sociais. A autora expõe sobre os papéis sociais serem aquele conjunto de determinadas ações que são esperadas para cada pessoa, pela sociedade, por um determinado grupo ou por uma outra pessoa. De acordo com Lane (2007, p.22) “estes papéis atendem, basicamente, à manutenção das relações sociais representadas, no nível psicológico, pelas expectativas e normas que os outros envolvidos esperam sejam cumpridas.” Lane argumenta que estes papéis são definidos pela sociedade na qual os indivíduos pertencem, ou seja, pelo contexto social no qual estão inseridos.

Outro autor importante para a Psicologia Social, Guareschi, constrói argumentos que podem contribuir para a discussão acerca das dinâmicas que visam a dominação dos corpos femininos. Guareschi é psicólogo e sociólogo, que, em uma participação efetiva em um livro chamado ‘Psicologia, Comunicação e Pós-Verdade’, argumenta que

A força da dominação sempre será diretamente proporcional à inconsciência dos dominados a respeito de sua própria submissão. É o não saber dos dominados que contribui para o desfecho satisfatório do dominador, já que este necessita dos dominados como cúmplices de sua dominação, processo este no qual a inconsciência é o elemento mais relevante. (Guareschi, Amon e Guerra, 2017, p. 417)

Isto posto, Guareschi (2017), ao destacar que a força da dominação é proporcional à inconsciência dos dominados, ilumina um aspecto crucial relativo às práticas que buscam a dominação dos corpos femininos. Argumento este que

explicita a necessidade de desenvolvimento nos estudos e nas ações de conscientização e criticidade para que as mulheres sejam capazes de reconhecer os poderes exercidos sobre elas, cotidianamente. No contexto da dominação patriarcal, essa "inconsciência" se manifesta na aceitação ou naturalização de normas que regulam o comportamento, a aparência e a sexualidade das mulheres, reforçando o controle sobre seus corpos.

Guareschi (2013), ao percorrer temáticas acerca da Psicologia Social Contemporânea, argumenta que

Pelo fato de possuir graus diferentes de "poder", relaciona-se diferentemente com os outros. Surgem assim, dessas interações, diferentes "relações", que, ao se constituírem como sistematicamente assimétricas (desiguais), transformam-se em relações de dominação. Retornamos, então, ao campo da ideologia, entendida como maneira de criar e manter relações de dominação (Guareschi, 2013, p.116).

Sendo assim, é possível demarcar a importância das tradições patriarcais perpetuadas culturalmente e transmitidas cotidianamente por meio de palavras e atitudes, assinalando e efetivando um poder majoritariamente masculino na sociedade, tornando os corpos femininos passíveis, mais facilmente, da relação de dominação. Guareschi (2013, p. 64), então, argumenta que uma ideologia de cunho negativo se dá "quando se consegue mostrar que ela ajuda a criar, ou reproduzir, relações de dominação, assimétricas, desiguais".

A importância de se estudar as relações de poder e dominação para a psicologia social neste trabalho se torna fundamental, buscando compreender a forma como autores importantes enxergam estes fenômenos, sendo Lane e Guareschi contribuições essenciais para a construção da discussão apresentada no presente trabalho. Ao analisar poder e dominação através das lentes da Psicologia Social, se estabelece de melhor forma a compreensão das normas e expectativas socialmente construídas sobre o corpo, a sexualidade e o papel das mulheres, e de que forma isso é internalizado e auxilia na reprodução do poder patriarcal. Ao compreender como as estruturas de poder são perpetuadas cultural e historicamente, a Psicologia Social não apenas descreve comportamentos, mas busca combatê-los, promovendo práticas que visam à justiça social e a igualdade de gênero.

1.3 ‘O CONTO DA AIA’: DOMINAÇÃO DO CORPO FEMININO EM UMA SOCIEDADE DISTÓPICA

Como relatado anteriormente, a obra “O Conto da Aia” foi escolhida devido à capacidade de demonstrar aspectos importantes aos quais a Psicologia Social se refere, como as relações de dominação, de poder, os estabelecimentos de papéis sociais e o controle de subjetividades. Delmas (2024, p.17) argumenta sobre distopia

Talvez a literatura distópica seja ultrapassada por uma realidade de horror sem igual. Mas, particularmente no que tange à ciência e à tecnologia, tais projeções têm muito a oferecer. Precisamos da visão de longo prazo para identificar o que beneficia a poucos e pode prejudicar a muitos. Uma das tarefas das distopias literárias é nos alertar e nos educar sobre as distopias reais... esses ensaios literários, carregados de anseios sociais, podem ajudar a visualizar soluções racionais e coletivas em lugares onde o pânico e a irracionalidades poderiam florescer

A literatura se apresenta como uma poderosa ferramenta para dialogar sobre temas complexos, promovendo a conexão entre diversas áreas do conhecimento e possibilitando a análise de múltiplos aspectos da realidade retratada nas obras. No caso das distopias, os temas geralmente possuem um forte caráter social, ampliando questões atuais e projetando problemas que podem surgir no futuro. Dessa forma, pensar nessas obras de maneira multidisciplinar é essencial, pois permite refletir sobre soluções ou estratégias para evitar tais cenários, identificando possibilidades de transformação e prevenção.

A obra de Margaret Atwood, autora canadense, “O Conto da Aia”, foi publicada em 1985, considerada como uma distopia e ficção especulativa. O livro retrata a trama da vivência de uma mulher chamada June, que é citada ao longo da obra como Offred. O contexto em que June se encontra se desdobra em um processo de tomada do poder democrático existente nos Estados Unidos, através de um golpe de Estado, ocorrendo a transição do regime vigente para uma teocracia totalitária⁶, chamada de Gilead.

A obra é constituída pela narração de Offred a respeito dos fatos do presente e relatos do passado com sua filha, marido, mãe e amiga, Moira. Foi uma obra de

⁶ Teocracia totalitária é um regime no qual os ensinamentos religiosos são a base do governo e o Estado exerce controle extremo sobre a vida pública e privada dos indivíduos, controlando totalmente o poder político e o social.

grande impacto na indústria artística, sendo adaptada para cinema, ópera, teatro e série. A repercussão social do livro foi tamanha, refletindo no sucesso da série televisiva “The Handmaid’s Tale”, que conquistou 16 prêmios no Emmy, incluindo o de “Melhor Série Dramática”. A série conta, atualmente, com cinco temporadas e a sexta e última está sendo gravada, sendo considerada uma série de sucesso pelo público, avaliada com nota 8,4 na “Internet Movie Database”⁷.

Conforme reportagem da BBC intitulada “Por que a série The Handmaid’s Tale é relevante para os dias de hoje” (2019), Atwood reconhece sua obra como sendo ficção especulativa, visto que descreve questões que podem se tornar realidade e que os fatos contidos no livro foram inspirados em acontecimentos do início dos anos 80. A matéria da BBC (2019) relata alguns eventos aos quais Atwood cita como inspiração

Atwood diz ter se inspirado em parte na tentativa de Nicolai Ceausescu de aumentar as taxas de natalidade na Romênia - o que o levou a policiar mulheres grávidas e a proibir o aborto e os anticoncepcionais - e também nos assassinatos de dissidentes pelo regime de Ferdinando Marcos nas Filipinas. A ideia de “dar” os filhos de pessoas de classes mais baixas à elite veio da Argentina, onde mais de 500 crianças ficaram ‘desaparecidas’ após o golpe militar de 1976 e acabaram nas mãos de líderes do governo. Mas o puritanismo americano é sem dúvidas a referência central da obra de Atwood - e ela fez conexões entre o que estava acontecendo nos EUA nos anos 1980 e os colonos puritanos da New England do século 17.

Em consonância com a análise da BBC, a escrita de “O Conto da Aia” foi profundamente influenciada pelo contexto político e social dos anos 1980, marcado pela ascensão de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos, um período de crescimento do conservadorismo cristão de direita. Esse movimento conservador trouxe consigo uma forte reação contra o aborto e contra os direitos reprodutivos das mulheres, reavivando ideais de controle sobre os corpos e as liberdades femininas. A autora, Margaret Atwood, foi impactada por essa atmosfera política e pelas mudanças nas leis e discursos sobre gênero e família, observando os retrocessos sociais que ameaçavam os avanços conquistados nos direitos das mulheres (BBC, 2019).

Na sociedade de Gilead, as pessoas são divididas de acordo com o sexo, com a capacidade reprodutiva, com o histórico de ideologias às quais era aderido na

⁷ Em tradução para o Português é “Base de dados de filmes na internet”, site em que os próprios telespectadores podem avaliar o filme ou série.

sociedade anterior e com a posição social e econômica ocupada anteriormente. É uma sociedade dividida entre: Comandantes no topo, detendo o poder político e militar. Esposas supervisionam as tarefas domésticas, enquanto Aias, mulheres férteis, são forçadas a procriar. Marthas servem como empregadas, e Tias doutrinam as Aias e as mantêm controladas. A polícia secreta (Olhos) e Guardas mantêm a ordem. Econoesposas, de classe baixa, fazem todo o trabalho doméstico, enquanto Não Mulheres são enviadas às colônias (territórios inóspitos, contaminados por radiação ou resíduos tóxicos, usados por Gilead para trabalho forçado e punição de indesejáveis). Jezebels são usadas como prostitutas para os homens poderosos. Essas divisões na sociedade correspondem a instrumentos de controle usados pela teocracia para reforçar a opressão, especialmente das mulheres, com o objetivo de manter o poder e a ordem estabelecida.

Dois exemplos marcantes de dominação das Aias são a imposição de novos nomes e o controle sobre suas vestimentas. Os nomes originais das Aias são substituídos por identificações ligadas aos Comandantes a quem elas servem; assim, a protagonista, narradora da obra, passa a se chamar "Offred," o que indica que ela pertence ao Comandante Fred. Quando são transferidas para outras casas e subordinadas a novos Comandantes, seus nomes são novamente alterados, reforçando sua perda de identidade individual.

Uma teoria importante da Psicologia Social é a de identidade, construída por Antonio da Costa Ciampa, considerando a identidade como um conceito dinâmico e influenciado pela relação entre sujeito e sociedade, sendo o nome próprio uma representação da identidade. Para Ciampa (1984, p.68), "a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado e não como um dar-se constante que se expressa o movimento social". Explicitando a definição de identidade como um fator multifacetado, que irá variar de acordo com as múltiplas determinações aos quais os contextos irão oferecer.

Portanto, com a substituição do nome June por um nome que designa a personagem ao seu Comandante (Offred), a identidade assumida por Offred é diferente daquela identidade assumida por June. A ação do sistema de Gilead de substituição do nome, tem relação com a necessidade de apagamento das identidades anteriores daquelas pessoas.

Outro exemplo de dominação em Gilead é a rígida uniformização das roupas, que distingue cada divisão da sociedade de maneira específica. As mulheres são obrigadas a usar vestidos que indicam sua posição: azul para as Esposas, vermelho para as Aias, verde para as Marthas, marrom para as Tias e tecidos listrados em vermelho, azul e verde para as Econoesposas (Atwood, 2017). Esses uniformes reforçam as relações de poder e subjagam as mulheres ao limitar suas identidades às funções que exercem dentro do regime de Gilead.

Como citado, a Psicologia Social explora como o contexto social em que os indivíduos estão inseridos influencia suas ações e subjetividades, refletindo sobre como normas culturais, sistemas de poder e relações interpessoais moldam nossas identidades e modos de agir. No contexto do “O Conto da Aia”, é possível identificar a importância desse campo para auxiliar no entendimento dos fenômenos que ocorrem na sociedade de Gilead. Destacando, por exemplo, a intensa transformação psicológica de June ao ser forçada a renunciar à sua antiga identidade e a aderir a um regime que subverte seus valores. Tal dimensão pode ser verificada na obra de (Atwood, 2017, p.28) pela seguinte passagem

Penso a respeito de lavanderias de autoatendimento. O que eu vestia para ir a elas, shorts, jeans, calças de malha de corrida. O que eu punha nas máquinas: minhas próprias roupas, meu próprio sabão, meu próprio dinheiro, dinheiro que eu mesma ganhava. Penso a respeito de ter tanto controle (Atwood, 2017, p.28).

June cresceu em um contexto de luta pelos direitos das mulheres, uma era em que o feminismo e a busca pela autonomia eram fundamentais, sua mãe, como citado na obra, era uma ativista dos direitos femininos. Com a ascensão do regime de Gilead, que institucionaliza a opressão feminina e anula esses valores, June enfrenta um dilema interno. A Psicologia Social por meio das noções de poder e de dominação ajuda a entender como o ambiente opressor de Gilead não apenas silencia as mulheres, mas também molda suas reações e adaptações ao regime.

Como visto anteriormente, para a Psicologia Social, a dominação se trata da expropriação do poder do outro e, no contexto de Gilead, há a dominação de todas as mulheres, caracterizando-as como esposas, como reprodutoras, como prostitutas, ou como trabalhadoras domésticas. A partir desta relação de dominação, há uma necessidade de adaptação para a sobrevivência, seja uma adaptação ao regime, seja uma adaptação à resistência. Isolada e forçada a obedecer, June experimenta

uma ambivalência emocional ao ceder a práticas aversivas, as quais, paradoxalmente, se tornam uma forma de conforto devido ao ambiente restritivo em que vive.

Outro aspecto relevante que pode ser identificado na obra em estudo é a descaracterização da personalidade, imposta às mulheres, sendo obrigadas a se sujeitar a situações que não concordam, descaracterizando suas convicções e escolhas. Tal descaracterização se refere a um dos mais diversos exemplos de aviltamento da individualidade, acarretando que a pessoa ceda a características de sua subjetividade, para a manutenção da sobrevivência. Um exemplo desta questão, são os encontros entre June e o Comandante Fred, que acontecem no escritório de Fred, para os quais ele dita horário e dia, escondidos da Esposa Serena Joy, momento em que eles conversam, jogam Scrabble e olham revistas que foram proibidas. A partir destes encontros, é possível compreender a complexa adaptação psicológica de June ao regime de Gilead. Secretamente, Fred lhe oferece pequenos momentos de liberdade ao permitir que ela jogue Scrabble ou ao levá-la a um clube de luxo, espaços proibidos e contrários às regras rígidas do regime.

Para June, esses encontros geram uma mistura de alívio e repulsa: eles simbolizam tanto uma reconexão com seu passado quanto uma aceitação forçada dos privilégios dados por seu opressor. Esses encontros ilustram como o controle social de Gilead manipula identidades e emoções, levando-a a um conflito interno entre sobrevivência e a perda de sua própria identidade. A diferença das reações entre o primeiro encontro marcado pelo Comandante e um dos encontros nos quais June já se adaptou, é uma demonstração objetiva desta adaptação:

O que está do outro lado é vida normal. Eu deveria dizer: o que está do outro lado parece ser vida normal... Mas por toda parte sobre as paredes há estantes. Elas estão cheias de livros. Livros e livros e livros, bem ali, bem visíveis a olho nu, sem trancas, sem caixas. Não é de espantar que não possamos entrar aqui. É um oásis do que é proibido. Tento não ficar olhando. O Comandante está de pé diante da lareira sem fogo... É uma pose tão estudada... Ele provavelmente decidiu que estaria parado assim quando eu entrasse. Quando bati, provavelmente foi depressa para junto da lareira e se posicionou... Tudo isso está muito bem para mim enquanto penso essas coisas, rápida como um staccato, um tremor de agitação do cérebro. Um tremor interior. Mas é pânico. O fato é que estou apavorada. (Atwood, 2017, p. 129)

Uma característica marcante da narrativa de June no livro é o fato de detalhar com afincado grande parte dos ambientes, principalmente naqueles momentos de

maior tensão e diante daquilo que é desconhecido, subversivo, agonizante e estranho à personagem principal. Portanto, neste trecho ela descreve profundamente a sala do comandante, momento tenso e novo, trazendo para a imaginação do leitor aquilo que é proibido na sociedade de Gilead e que antes era comum e, por vezes, objetos que passavam despercebidos dos olhares cotidianos, chamando atenção para este detalhe importante: os livros.

Estou sentada no escritório do Comandante, defronte a ele, diante da escrivãzinha, na posição do cliente, como se fosse uma correntista de um banco negociando um empréstimo volumoso. Mas exceto pelo meu posicionamento na sala, resta muito pouco daquela formalidade entre nós. Não me sento mais de pescoço duro, de costas retas, os pés lado a lado no chão de forma regimental, os olhos em posição de continência. Em vez disso meu corpo está frouxo, até confortável. Os sapatos vermelhos descalçados, as pernas encolhidas debaixo de mim na cadeira, rodeadas por um suporte de saia vermelha, é verdade, mas mesmo assim encolhidas, como se ao redor de uma fogueira de acampamento, de tempos passados e mais agradáveis... Quanto ao Comandante, ele está extremamente à vontade esta noite. Tirou o paletó, os cotovelos sobre a mesa (Atwood, 2017, p. 171).

Este segundo trecho da obra já demonstra a adaptação de June aos encontros com Fred. Demonstrando, inclusive, uma questão importante: o poder exercido por Fred, advindo de sua condição de homem, comandante e do seu status social, domina as ações de June para além daquilo que a mesma considera como sua subjetividade. Naquela situação, os direitos de June eram aviltados pelo sistema como um todo, e Fred fazia parte da manutenção daquele sistema. Entretanto, como mecanismo de sua própria sobrevivência, June se adapta a estas atividades, mesmo tendo consciência de sua posição e da posição de Fred nesta situação.

Ademais, a obra “O Conto da Aia”, a partir de uma conversa com a Psicologia Social, demonstra as relações de poder as quais as mulheres são submetidas naquele contexto e, a partir desta expropriação do poder, as relações de dominação se dão e se reproduzem. Essa dinâmica evidencia como o controle sobre os corpos femininos é instrumentalizado para sustentar e perpetuar sistemas de opressão patriarcal.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste em uma revisão de literatura narrativa, cujo objetivo é integrar e analisar teorias e estudos já existentes que abordam a

tentativa de dominação dos corpos femininos e suas relações com o patriarcado, o poder e a construção social do gênero. A escolha da revisão narrativa se justifica pela necessidade de contextualizar e problematizar conceitos amplos e complexos, oferecendo uma visão interdisciplinar que conecta Psicologia Social e Literatura. Bem como explicita Brizola e Fantin (2016, p. 27), a revisão de literatura é uma junção das ideias de diferentes autores sobre um determinado assunto, realizando uma compilação e um diálogo crítico entre as obras e o trabalho a ser escrito.

Como base teórica, são utilizados os textos clássicos e contemporâneos de Silvia Lane e Pedro Guareschi, que fornecem subsídios para a compreensão das relações de poder, ideologia e identidade nos estudos de Psicologia Social. A obra “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood, é explorada como material literário fundamental para ilustrar a maneira como a dominação patriarcal se manifesta e perpetua na sociedade, permitindo uma abordagem crítica sobre a submissão feminina.

O estudo mobiliza diferentes autores para compor um arcabouço teórico que permita analisar a história presente na obra literária sob a perspectiva da Psicologia Social, com foco nas influências do patriarcado, do controle social e das dinâmicas de opressão sobre o corpo feminino. Além de Lane e Guareschi, são incorporadas as contribuições de Strey e do trabalho organizado por Lane e Codo, que discutem o papel da psicologia social na análise das estruturas de poder e dominação. Essas referências teóricas oferecem uma base sólida para examinar as representações de gênero e dominação em O Conto da Aia, permitindo uma análise crítica que contribui para o entendimento das interseções entre literatura, psicologia e as questões de gênero e poder.

CONCLUSÃO

Frente às necessidades atuais de debate acerca dos fenômenos que permeiam os cotidianos das mulheres encobertos pelas ações de controle sobre as subjetividades, mesmo que de forma velada, o presente trabalho, buscou destrinchar as temáticas de dominação, poder, construção de subjetividade e patriarcado, realizando uma reflexão acerca da realidade atual e da obra literária “O Conto da Aia”. Através de uma metodologia de revisão de literatura do tipo narrativo, é

possível perpassar por todas estas definições de forma crítica, compreendendo a relação entre realidade e literatura.

A análise realizada revela que a dominação não é apenas uma questão de restrições visíveis, mas um fenômeno que, de forma sutil e persistente, influencia as normas culturais, as expectativas sociais e as experiências individuais das mulheres. Nesse contexto, o entendimento crítico das relações de poder e de dominação contribui para que se identifiquem práticas de resistência e transformações possíveis no campo social, cultural e institucional.

Ao recorrer a autores centrais no campo da Psicologia Social, como Silvia Lane e Pedrinho Guareschi, foi possível definir conceitos fundamentais sobre dominação, poder, papéis sociais e subjetividade. Apesar das contribuições singulares de cada autor, há um entendimento comum de que as relações sociais e os comportamentos são fortemente moldados por fatores culturais e históricos.

Com base nessa discussão, portanto, se destaca que a superação dessas estruturas exige uma análise crítica e contínua sobre os padrões de dominação patriarcal ainda presentes na sociedade. E, ainda, reforça a urgência de que as discussões sobre poder e igualdade de gênero continuem a ser aprofundadas. Desconstruir a naturalização dessas funções femininas é essencial para se avançar rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. No campo da Psicologia, se torna fundamental assumir uma postura ética e socialmente responsável que promova a igualdade e combate às opressões.

THE DOMINATION OF FEMALE BODIES: AN ANALYSIS OF THE HANDMAID'S TALE THROUGH THE LENS OF SOCIAL PSYCHOLOGY ABSTRACT

ABSTRACT

*In recent decades, the control over female bodies has become a topic of growing academic interest. Within the context of *The Handmaid's Tale* by Margaret Atwood (2017), the ways in which power structures and patriarchy constrain women's freedom are evident, using the body and reproduction as tools of domination. This study aims to analyze these dynamics of control through the theoretical frameworks of Social Psychology, drawing primarily from the works of Lane and Guareschi, whose contributions are fundamental for contextualizing power relations and the social construction of roles. A narrative literature review was conducted to deconstruct the normalization of female submission and challenge the objectification of women's bodies. Initially, the study addresses patriarchy and its dynamics of domination. Subsequently, concepts of Social Psychology concerning power, identity, social roles, and social representations are explored based on Lane and Guareschi, aiming to*

elucidate how ideologies of domination shape gender relations. Finally, these concepts are applied to analyze The Handmaid's Tale. This research seeks to contribute to the understanding of oppressive practices in culture and to foster discussions about possible forms of resistance, promoting a critical view of gender inequalities and pathways for social transformation in defense of women's rights and autonomy.

Keywords: Social Psychology, Literature, The Handmaid's Tale, Domination, Power.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, J. K. Por que a série The Handmaid's Tale é relevante para os dias de hoje. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44294676>. Acesso em: 20 out. 2024.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARRETO, M. "A Dominação" de Max Weber pelos seus manuscritos inacabados (1911-1913). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 587-593, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/zTnFzWdpWMkx9mwTxyksZCL/#>. Acesso em: 24 out. 2024.

BOBBIO, N. et al. **Dicionário de política**. Brasília: EdUNB, 1992. v. 1.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva. V. 3i2.1738. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738/1630>. Acesso em: 14 set. 2024.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

DELMAS, A. C. G. História e distopias: diálogos entre a literatura e a historiografia. **Olho d'água**, v. 10, n. 1, p. 994-1012, 2018. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/994/818>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GUARESCHI, P. A. Ética. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUARESCHI, P.; AMON, D.; GUERRA, A. **Psicologia, Comunicação e Pós-verdade**. Porto Alegre: Evangraf, 2017.

LACERDA, M. Brasil, 2019: você sabe o que é distopia?. **UESB Notícias**, 2019. Disponível em: <https://www.uesb.br/noticias/brasil-2019-voce-sabe-o-que-e-distopia/>. Acesso em: 24 out. 2024.

LANE, S. Usos e abusos do conceito de representações sociais. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 58-72.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 78 p. (Coleção Primeiros Passos, 39).

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, S. T. F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. esp. 2, p. 76-80, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/X4kwBmQbJFBvLjMYnm4JvLg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2024.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, 1973.

NARVAZ, M. G. **Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: www.psicologia.ufrgs.br/cep_ua. Acesso em: 1 nov. 2024.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAWAIA, B. B. Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social histórico-humana. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. esp. 2, p. 81-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/QFtQzrSZkPGgnTb5rVyCzgM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

SENTO-SÉ, I. V. Patriarcado e interseccionalidade: o público e o privado como ponto de convergência teórica. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 24, p. e-44778, jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/Z7rMjncGdRK44McWHXPsY6j/>. Acesso em: 17 nov. 2024.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC
CENTRO UNIVERSITÁRIO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS

24

SILVA, N. Subjetividade. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

STREY, M. N. Gênero. In: STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2013.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018. v. 1.